



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

SAÚDE MENTAL DE MÃES-UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA COVID- 19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA NACIONAL

*MENTAL HEALTH OF COLLEGE STUDENT MOTHERS IN THE CONTEXT OF COVID-19: A
NATIONAL INTEGRATIVE REVIEW*

Kamilly Souza do Vale¹
Ladson Xavier dos Santos²
Maria Luiza dos Santos Rocha³
Mylenna Prestes Campelo⁴
Paula Fabiana de Oliveira Palheta⁵

Artigo submetido em 12/09/2024, aceito em 24/11/2024 e publicado em 21/12/2024.

RESUMO

A pandemia de COVID-19 no Brasil exigiu o isolamento social, provocando mudanças na rotina e reflexões sobre o futuro. O trabalho remoto e as aulas online foram alternativas para manter as atividades, impactando os grupos sociais de maneiras variadas. As mulheres, foco do presente estudo, foram as que sofreram as maiores repercussões em sua saúde mental durante a pandemia de COVID-19, no mundo. Diante disso, objetivou-se neste artigo identificar como o tema da saúde mental de mães-universitárias nessa conjuntura vem sendo pesquisado no cenário nacional e na Gestalt-terapia. Para isso, realizou-se um levantamento das produções acadêmicas nos bancos de dados Google Acadêmico, Scielo e Lilacs (BVS), entre os anos de 2020 e 2023. Utilizou-se como método uma revisão sistemática de literatura, baseada nos descritores Maternidade, Universidade, Pandemia/Covid-19, Gestalt-terapia, Saúde Mental/Bem-estar. Após levantamento e análise dos dados, os resultados demonstraram uma prevalência de artigos sobre as temáticas: 1) Impactos do isolamento na saúde mental de mães-universitárias; 2) Desafios da permanência universitária. No que se refere a Gestalt-terapia, identificou-se uma escassez nas produções envolvendo tal abordagem.

Palavras-chave: maternidade; universitárias; Gestalt-terapia; Universidade; covid-19.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic in Brazil required social isolation, causing changes in routine and reflections on the future. Remote work and online classes were alternatives to maintain activities, impacting social groups

¹ Universidade Federal do Pará. E-mail: kamilly@ufpa.br.

² Universidade Federal do Pará. E-mail: ladson.santos@ifch.ufpa.

³ Universidade Federal do Pará. E-mail: maria.santos.rocha@ifch.ufpa.br.

⁴ Universidade Federal do Pará. E-mail: mylennaprestes@gmail.com.

⁵ Universidade Federal do Pará. E-mail: paula.palheta@if-ch.ufpa.br

in different ways. Women, the focus of this study, were those who experienced the most significant repercussions on their mental health during the COVID-19 pandemic worldwide. In view of this, the objective of this article was to identify how the topic of mental health of university mothers in this situation has been researched on the national scene and in Gestalt therapy. To this end, a survey of academic productions was conducted in the databases Google Scholar, Scielo, and Lilacs (BVS) from 2020 to 2023. A systematic literature review was used as the method, based on the descriptors Motherhood, University, Pandemic/Covid-19, Gestalt Therapy, Mental Health/Well-being. After collecting and analyzing the data, the results showed a prevalence of articles on the following themes: 1) Impacts of isolation on the mental health of university mothers; 2) Challenges of remaining at university. Regarding Gestalt therapy, a shortage of productions involving this approach was identified.

Keywords: maternity; female college students; Gestalt therapy; university; covid-19.

1 INTRODUÇÃO

Inevitavelmente, a biografia mundial teve seu curso mudado com o surgimento do coronavírus, em dezembro de 2019, o ápice da doença em 2020, ano que ficará marcado na história como um ano de grandes impactos no desenho de nossos hábitos, atitudes e maneiras de lidar com nossa saúde e com o meio ambiente. No Brasil, iniciando-se a colisão com o cotidiano das relações humanas devido à rapidez da disseminação da doença COVID-19 e às medidas tomadas pelos governos federal, estadual e municipal para contê-la.

O isolamento social em função da pandemia provocou elevados níveis de estresse e comprometimento da saúde mental das pessoas, uma vez que a redução das interações sociais gerou impactos no sentimento de pertencimento dos sujeitos a determinados grupos que os auxiliam em momentos de crise. Somam-se a estes aspectos sintomas que afetam a saúde mental dos sujeitos como ansiedade, oscilações de humor, distúrbios do sono, medo, tristeza, choro constante, mudanças de apetite, uso de álcool e outras drogas, além de um aumento considerável de uso de psicofármacos (Pimentel & Silva, 2020).

A literatura pesquisada revela que logo nos primeiros meses de reclusão social eclodiu um aumento considerável de tipificação de casos de violência familiar contra as mulheres. Tais dados já direcionam o olhar para a constatação de que elas foram as maiores afetadas com todo o contexto vivenciado pela pandemia. Tal afirmativa é corroborada pelas informações dispostas no documento “Gênero e covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta” realizado pela ONU Mulheres, que aponta e confirma a diferença nos impactos e implicações para mulheres e homens durante a pandemia da COVID-19:

As mulheres continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não-remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças. (ONU Mulheres, 2020, p.1).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a maternidade, entre as diversas funções desempenhadas pelas mulheres, constitui um tema central e de ampla relevância para o debate, pois envolve demandas específicas que frequentemente são experienciadas de forma solitária. Esse contexto é intensificado pela idealização e romantização sociocultural que vinculam a maternidade à realização "plena e ontológica da mulher", colocando-a sob a expectativa de vivenciar um amor materno ou um maternar idealizado e "feliz". Tal construção sociocultural tende a gerar sentimentos de culpa e responsabilização quando essa plenitude não é alcançada, reforçando pressões e desafios que muitas vezes não são reconhecidos coletivamente (Batinder, 1985).

Nesse contexto, a maternidade, muitas vezes experienciada de forma compulsória, se transforma ao longo do tempo de acordo com a sociedade, impactando a vida das mulheres de forma individual e coletiva, o que produz novas formas de ser e estar no mundo (Pereira et al., 2023). Dentre os espaços ocupados por elas, destaca-se a universidade, local em que 60% dos estudantes com filhos são do gênero feminino (Fonaprace; Andifes, 2019).

Necessidades como adaptar-se a uma nova rotina, lidar com as demandas do bebê e da relação conjugal, muitas vezes somam-se aos deveres da vida acadêmica e profissional. Na presente pesquisa, ressalta-se o quanto a maternidade somada às vivências do contexto acadêmico pode ser considerada como um momento de vulnerabilidade ao estresse, pois, o segundo se caracteriza como uma fase desafiadora à discente, que impõe tarefas complexas ao enfrentar novos domínios acadêmicos (ritmos e estratégias de aprendizagem e novos sistemas de ensino e avaliação), sociais (novos padrões de relacionamento, além da ampliação da rede social), pessoais (estabelecimento de um sentido mais forte de identidade) e vocacionais (definição de metas de carreira) (Almeida & Soares, 2003).

Na esfera acadêmica, os desafios historicamente enfrentados pelas mulheres adquirem novas dimensões com a implementação de atividades remotas. O modelo de referência predominantemente masculino nos ambientes de produção científica, que pressupõe a dedicação exclusiva de pesquisadores e estudantes à sua formação e pesquisa, torna-se ainda mais evidente

nesse contexto. Isso ocorre especialmente devido à adoção de medidas que desconsideraram a sobrecarga imposta às mulheres, agora ainda mais inseridas no ambiente doméstico e frequentemente assumindo, de forma principal ou exclusiva, as responsabilidades relacionadas às atividades de cuidado (Silva et al., 2020).

Para o entendimento dessa temática, também, é necessário reconhecer que mulheres mães, sobretudo aquelas que ainda estão em fase de estudos na universidade, por muitas vezes estão esgotadas tanto fisicamente quanto psicologicamente.

Essas questões podem influenciar a vida de uma mãe-estudante, que já traz consigo uma série de responsabilidades inerentes ao processo de formação pessoal e profissional. Adaptar-se a um processo educativo, exige transformações nas redes sociais, na rotina e na subjetividade de um modo geral; e é algo ainda mais difícil se pensarmos em mulheres no período de gestação ou pós-natal, que enfrentam novas responsabilidades que lhes são atribuídas e mudanças biológicas muitas vezes não respeitadas.

No intuito de identificar como o tema da saúde mental de mães-universitárias no contexto da COVID-19 vem sendo pesquisado no cenário nacional e na abordagem gestáltica, realizou-se um levantamento das produções acadêmicas nos bancos de dados Google Acadêmico, Scielo e Lilacs (BVS), de 2020 a 2023. Esta escritura compõe o projeto de pesquisa “Atenção à saúde mental de mães universitárias da Universidade Federal do Pará”, sob o CAAE 65985722.6.0000.0018, que teve seu processo de início em agosto de 2022 e sua finalização em agosto de 2024.

2 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma revisão integrativa, com o objetivo de examinar estudos significativos em Psicologia e realizar buscas de pesquisas em Gestalt- Terapia, voltados para a saúde mental de mães universitárias em tempos de pandemia de COVID-19. Para Souza, Silva e Carvalho (2010), este método identifica um conhecimento atual sobre uma temática específica, uma vez que é possível verificar, analisar e sintetizar resultados de estudos diversos sobre o mesmo assunto.

Assim, através desta metodologia, pode-se elencar o que tem sido produzido em relação à

temática, a necessidade e importância de pesquisas futuras, com base no que está ou não sendo estudado, além de evidenciar o panorama geral das produções científicas de uma determinada temática (Crossetti, 2012). Nesse sentido, “[...] é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado” (Souza, Silva & Carvalho, 2010, p. 103).

Foram considerados para o estudo artigos publicados no período de 2020 a 2023, encontrados por meio de pesquisa realizada nas bases de dados Lilacs (BVS), SciELO e Google Acadêmico, utilizando a conjugação dos descritores e operadores booleanos: 1) “Mães/Maternidade” AND “Universidade”; 2) “Mães/Maternidade” AND “Pandemia/Covid-19”; 3) “Mães/Maternidade” AND “Gestalt-Terapia”; 4) “Mães/Maternidade” AND “Saúde Mental/Bem-Estar”; 5) “Universidade” AND “Pandemia/Covid-19”; 6) “Pandemia/Covid-19” AND “Gestalt-Terapia”. Os critérios de inclusão utilizados foram: ser artigo científico, investigar sobre maternidade na universidade, temáticas sobre a COVID-19 e a maternidade e discutir temáticas acerca da pergunta da pesquisa.

No levantamento realizado foram encontrados 52 artigos, dos quais foram excluídos textos cujos títulos não continham algum dos descritores mencionados, artigos de revisão de literatura, estudos de caso e Trabalhos de Conclusão de Curso, textos que não apresentavam formato de artigo e estudos que não abordassem questões relacionadas à temática norteadora da pesquisa. Em seguida, restaram 24 artigos encontrados, os quais compuseram esta investigação. Dessas pesquisas utilizadas, apenas 3 são da abordagem gestáltica, indicando que há pouca produção acadêmica na área acerca da temática.

Tabela 1

Artigos Selecionados e que Compuseram a Análise de Dados.

Título dos artigos	Nº	Autores
Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias	2022	Pontes, Vívian Volkmer et al.
Significados atribuídos à maternidade por mulheres de um grupo de casais grávidos	2021	Alves, Isadora Ferrante Boscoli de Oliveira et al.
A solidão materna diante das novas orientações em tempos de SARS-COV-2: um recorte brasileiro	2021	Paixão, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al.

Tornar-se pais: uma compreensão gestáltica das diferentes parentalidades contemporâneas	2021	Gualberto, Andressa Tavares e Silva; Andrade, Celana Cardoso
Mães acadêmicas durante e após a pandemia de COVID-19	2021	Mata, Júnia Aparecida Laia da; Samimi, Sayed Abdul Basir
Maternidade em tempos de pandemia de Covid-19: o que nos revelam as mães atendidas em um hospital de referência	2022	Azevedo, Lorena; Magalhães, Lívia Castro
As repercussões no cotidiano de mães de bebês internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal no isolamento social devido à COVID-19 **	2020	Rocha, Amanda Leão da Silveira; Ditt, Erika da Silva
A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó	2020	Silva, Jeane Santana da et al
Mães na Universidade: a experiência do Gestar - Maternidade e Ciência.	2023	Gabrielli, Cassiana Panissa et al
Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior	2022	Leite, Ana Cecília Figueirêdo; Alves, Francione Charapa
Mães universitárias: a luta pela conciliação da maternidade com a universidade	2022	Pereira, Antonio Lucas Lira; Santos, Bruna Garcia dos; Da Silva Luana Renata
Mães na graduação: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil	2021	Oliveira, Tatiana Viana de Oliveira; Souza, Mirian Alves de
A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia*	2021	Silva, Juliana Marcia Santos et al
"Tornar-se mãe" durante a formação acadêmica: desafios da maternidade sob a perspectiva educacional e sociológica	2020	Dos Santos, Lediane Santana; Martins, Kézia Siméia Barbosa da Silva; Justi, Jadson
O dispositivo da maternidade durante a pandemia de covid-19: analisando artefatos	2022	Leite Carolina Alves, Kornatzki, Luciana
A contribuição da Gestalt-Terapia na violência contra a mulher em tempos de pandemia da Covid-19	2020	Sena, Micheline da Cruz Costa; Teles, Kariciane Santos; Belmino, Marcus Cezar

A saúde mental dos estudantes universitários em tempos de pandemia	2023	Araújo, Beatriz Evangelista de; Andrade, Lorena Schalken de
Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública	2020	Silva, Maria Clara Ramos da Fonseca; Guedes, Cristiano
Desafios da permanência estudantil universitária: Um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil.	2021	Ganam, Eliana Almeida Soares; Pinezi, Ana Keila Mosca
O direito humano das mulheres à educação e a pandemia de covid-19	2020	Bartmeyer, Susana Maria; Filho, Nei Alberto Salles
Mães na rede: possibilidade de apoio às mães discentes em situações de vulnerabilidade em uma extensão universitária	2021	Brito Bruna et al
Justiça reprodutiva e gênero: desafios teórico-políticos acirrados pela pandemia de covid 19 no Brasil	2021	Brandão, Elaine Reis; Cabral Cristiane da Silva
Encontros narrativos: mulheres pesquisadoras em meio à pandemia	2021	Rocha, Amanda Leão da Silveira; Ditt, Erika da Silva

Após seleção do material os artigos foram organizados em uma planilha no software Excel e analisados em duas etapas para a melhor compreensão dos dados: 1) Caracterização geral dos estudos através da leitura dos resumos dos artigos para identificar dados como o ano de publicação, periódico e tipo de estudo; 2) Leitura aprofundada dos 24 artigos selecionados, objetivando encontrar pontos em comum e discordâncias que pudessem contribuir com a compreensão dos efeitos da pandemia na saúde mental de mães-universitárias.

A partir da análise e compreensão dos dados, identificamos dois temas com maior incidência: 1) Impactos do isolamento na saúde mental de mães-universitárias; 2) Desafios da permanência universitária. Verificamos, também, que existe atualmente uma escassez de artigos publicados com o referencial da abordagem Gestáltica, já que apenas 3 artigos dos 24 selecionados utilizam tal fundamentação teórica como base para as pesquisas. Deste modo, nossa proposta é contribuir com este debate através de reflexões acerca da contribuição da Gestalt-terapia para o acolhimento de Mães-universitárias no contexto da Pandemia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. IMPACTOS DO ISOLAMENTO NA SAÚDE MENTAL DE MÃES-UNIVERSITÁRIAS

Apesar das transformações sociais promovidas pelos movimentos feministas e pelas mudanças nos modelos de trabalho, a visão tradicional da família, que atribui às mulheres a responsabilidade pelo trabalho doméstico acumulado, permanece hegemônica na sociedade. Além disso, a parentalidade é frequentemente entendida como sinônimo de renúncia a projetos pessoais em prol da dedicação integral às crianças, sendo este sentimento mais intensamente vivenciado pelas mães do que pelos pais. Tal disparidade reflete a sobrecarga desproporcional de responsabilidades atribuídas às mulheres no cuidado com a família, evidenciando um padrão cultural que reforça desigualdades de gênero nesse contexto (Gualberto & Andrade, 2021; Pontes et al., 2022).

É neste cenário que Silva et al (2021) relacionam mudanças decorrentes da pandemia de COVID-19 com a sobrecarga de funções exercidas pelas mulheres mães, afirmando que a histórica incumbência atribuída às mesmas como cuidadoras, da família e do ambiente doméstico, entra em conflito com as medidas de segurança e o isolamento social. Uma vez que o *home office* se torna uma realidade, muitas mulheres se veem numa posição de sobrecarga, na qual devem equilibrar seu tempo entre os cuidados domésticos, trabalho à distância e em atividades relativas a seu próprio lazer e descanso, que acaba muitas vezes sendo deixado de lado.

Para Bartmeyer e Filho (2020), o isolamento social foi um fenômeno que acentuou o processo de desigualdade de gênero, muito em razão da invisibilização do esforço necessário para a realização do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. Nesse sentido, a pesquisa realizada pelos autores constatou que durante o período pandêmico homens se sentiram consideravelmente menos sobrecarregados que as mulheres. Um desdobramento dessa análise pode ser identificado nos levantamentos de Leite e Kornatzki (2022), que ampliam a discussão ao elucidar a vivência da maternidade negra na pandemia, a qual passou por questões como o desemprego e alto número de óbitos em São Paulo. Esses dados apontam que o recorte racial, além das desigualdades de gênero, intensificou ainda mais a vulnerabilidade das mães negras nesse contexto.

Nesse sentido, Gualberto e Andrade (2021) apontam que, apesar da presença de uma rede de apoio por parte do companheiro, muitas esposas são direcionadas à maior parte de funções relacionadas à maternidade. Essa prática pode estar associada com a ideia de que mulheres apresentam maior manejo com atividades relacionadas ao cuidado, bastante disseminada na sociedade moderna e utilizada como justificativa para a disparidade de tarefas entre os pais de crianças. Em consonância com essa ideia, Silva e Guedes (2020) demonstram a pressão social à qual as mães estão submetidas por meio do seguinte trecho:

Mesmo as mulheres que já alcançaram algum nível de igualdade de oportunidades em relação aos homens, estão mais uma vez, relegadas ao universo doméstico, agora sob a roupagem associada ao instinto materno. Isto é, espera-se que a mulher seja mãe e o seja, exclusivamente, uma vez que seu lugar é reservado, social, política e economicamente à esfera doméstica e privada (p. 472).

Leite e Kornatzki (2022) apresentam que esse pensamento foi descrito de maneira romantizada durante a pandemia de COVID-19, por meio de discursos que terceirizaram as atividades dos homens na maternidade. Após minuciosa análise documental que envolveu os registros em: uma cartilha científica, uma cartilha governamental, um eBook de conteúdo político informativo, uma antologia de textos, uma publicação de pesquisa e uma faixa musical; foi possível perceber que, apesar de ser relatado que a saúde mental das mães foi afetada devido à grande demanda de afazeres. Elas ainda eram encaixadas em uma lógica patriarcalista, a qual sugere que somente elas eram capacitadas para o exercício de cuidado com os filhos, sendo responsáveis por todas as funções direcionadas a eles.

Pôde-se perceber que seis dos artigos encontrados apresentavam temáticas relacionadas diretamente a uma certa idealização do papel de mãe e cuidadora, relacionados intimamente à figura feminina. Nessa perspectiva, Alves et al., (2021) discorrem sobre os sentidos e significados da maternidade para pais e mães grávidos dentro de um grupo de apoio. As mães relataram que a maternidade estava relacionada a um fenômeno natural, ao destino de qualquer mulher, demonstrando a presença de um discurso extremamente patriarcal, que foi disseminado e naturalizado em nossa sociedade. Além disso, ainda foi exposto por elas nesse grupo a dificuldade encontrada em exercer dois papéis distintos, o de maternar e o de provedora de renda. A correlação com a vida profissional pode causar sentimentos conflituosos em relação à maternidade quando se naturaliza que o papel das mulheres seria somente direcionado ao de gestar uma vida, limitando-

as às tarefas do âmbito doméstico.

Por outro lado, Pereira, Silva e Santos (2022) discorrem que essa idealização não se deu apenas no cenário pandêmico, as mães universitárias já vivenciavam essas desigualdades de funções no ambiente acadêmico há décadas. Nesse sentido, os autores apontam que, apesar da implementação de algumas políticas de permanência, as mulheres mães ainda enfrentavam diversos empecilhos para obter as mesmas oportunidades que os homens dentro da universidade. Nessa perspectiva, Santos et al (2020) discutem que, culturalmente, espera-se que as mulheres desempenhem papéis relacionados ao cuidado doméstico, entretanto, as mulheres mães que gestam durante o percurso acadêmico estão em oposição a essa sentença cultural, e buscam se capacitar por meio dos estudos. Contudo, ainda enfrentam diversos desafios para finalizar a graduação, pois torna-se um obstáculo complicado conciliar os estudos com o maternar, gerando consequências para essas mães que podem interferir diretamente no seu aproveitamento acadêmico e na sua permanência na universidade.

A pesquisa identificou quatro artigos que discutem os desafios da maternidade, com foco nas dificuldades enfrentadas por mulheres ao conciliarem os estudos acadêmicos com as demandas de "ser mulher e mãe". Nesse contexto, Pontes et al. (2022) abordam especificamente os obstáculos enfrentados por mulheres que engravidam durante o percurso universitário. Os autores destacam que, apesar das significativas mudanças socioculturais impulsionadas pelo movimento feminista, as mães universitárias continuam enfrentando barreiras para permanecerem nos estudos. Entre os fatores mais relevantes estão as múltiplas atribuições que as atravessam e a dificuldade de lidar com as exigências acadêmicas em função da escassez de tempo disponível, resultante da sobrecarga de responsabilidades.

Essa múltipla jornada de trabalho é apresentada pelos autores como forte estressor para essas estudantes. As problemáticas que já estavam presentes nas aulas da modalidade presencial se intensificaram ainda mais durante a pandemia de COVID-19, pois, com o isolamento social e atividades remotas, as mães universitárias tiveram que lidar com novos enfrentamentos.

Araújo et al (2023) ao discorrerem sobre a saúde mental de estudantes universitários durante o período pandêmico, revelam que as mulheres foram as mais afetadas psicologicamente com a modalidade on-line de estudos e diversas demandas acadêmicas, ocasionando em sintomas como depressão, ansiedade, insegurança e desmotivação. Apesar do artigo não abordar a questão das mulheres mães, contribui para se ter um panorama de como os estudantes estavam lidando com as

mudanças ocasionadas pelo afastamento social necessário.

Ainda nesta perspectiva, Dellbrügger et al., (2021) abordam suas experiências enquanto mulheres pesquisadoras durante a pandemia. As autoras apresentam que, o ingresso de mulheres na universidade é marcado por lutas e que, apesar das vitórias ocasionadas pelos movimentos feministas, as mulheres ainda ocupam um espaço desigual em relação aos homens na academia. Em relação ao período pandêmico, as autoras reforçaram que as mulheres foram submetidas a uma posição de múltiplos cuidados (doméstico, materno e familiar) e às problemáticas que essa prática pode ocasionar na saúde mental das mesmas. Além disso, a pandemia da COVID-19 acirrou ainda mais as vulnerabilidades enfrentadas pelas estudantes. As autoras apontam que:

Apesar de os homens morrerem mais pelo novo coronavírus, são as mulheres as pessoas afetadas de modo mais severo pela Covid-19, pois estão mais expostas ao risco de contaminação e às vulnerabilidades sociais decorrentes e aumentadas pela pandemia, como desemprego, aumento da pobreza, violência (taxas de violência doméstica aumentaram), falta de acesso aos serviços de saúde, entre outros (Dellbrügger et al., 2021, p. 193).

Segundo Bartmeyer et al., (2020) no período pandêmico, as reações emocionais negativas foram mais frequentes em mulheres, e levantaram a hipótese de que elas foram mais afetadas pela pandemia em comparação com os homens, uma vez que as estudantes relataram ter a disponibilidade para estudar afetadas pelas tarefas domésticas, visto que eram responsáveis por todas as formas de cuidado de seus familiares. Diante disso, fez-se de extrema necessidade estratégias de acesso, e sobretudo, de permanência estudantil para essas mulheres.

3.2. PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA E QUESTÕES DE GÊNERO

Esse cenário está intimamente ligado ao público para o qual as instituições de ensino superior foram direcionadas, como Ganam e Pinezi (2021) descrevem: “[...] brancos, do sexo masculino, com idade entre 18 e 20 anos, moradores das áreas urbanas, descendentes de imigrantes europeus, advindos de escola de ensino médio privada e que não teriam trabalhado até então.” (p. 12). É com base nesse perfil que os autores apontam a permanência simbólica e material como constituintes essenciais à trajetória acadêmica de estudantes que se desvinculam desse padrão. Quanto à permanência simbólica, foram mencionados desafios em relação a discursos e práticas discriminatórias que marcam a marginalização de estudantes que por muito tempo não tiveram

acesso à educação superior. O bom desempenho acadêmico e o apoio de familiares e corpo docente foram estabelecidos como apoio simbólico ao pertencimento e aproveitamento do ensino ofertado.

O principal elemento identificado como suporte para permanência material foi o auxílio financeiro, estabelecido pelo programa de assistência estudantil que custeia gastos atrelados à vivência acadêmica, sobretudo em casos de estudantes que dividem a rotina acadêmica com o trabalho para suprir necessidades financeiras.

Nesse mesmo sentido, Dellbrügger et al., (2021) relatam que o ingresso de mulheres na universidade é marcado pelas lutas na tentativa de permanecer ali e desfrutar das oportunidades acadêmicas, sobretudo com a necessidade de sustentar as jornadas acadêmica e laboral, diante de demandas financeiras que se impõem aos estudos; fala-se, portanto, de estudante integral, estudante-trabalhador e trabalhador-estudante, de acordo com a priorização de cada função exercida. Diante disso, a conclusão dos autores foi que a universidade não se trata apenas de um mérito pessoal, mas de uma possibilidade de melhoria socioeconômica.

Apesar de reiterar a importância de programas de assistência estudantil, Leite e Alves (2022) discutem a permanência de mães universitárias a partir de formas alternativas à compensação estritamente financeira, como: o incentivo à bolsas de estudo, pelas quais os custos do espaço acadêmico são sanados na mesma medida em que a pesquisa é estimulada e as perspectivas profissionais se ampliam; a disponibilização de creches; e as mudanças na infraestrutura das instituições de ensino superior, dada a falta de acessibilidade para as mães discentes e seus filhos. Novas medidas são pensadas diante das insatisfações vivenciadas com o assistencialismo estudantil, como demonstra o relato coletado por Oliveira e Souza (2021) de uma participante do Coletivo de Mães da Universidade Federal Fluminense (UFF):

A partir das nossas trocas pudemos perceber que o que acontece com as mães é uma anti-assistência estudantil, todas as frentes da universidade que existem para dar suporte aos estudantes são retiradas das estudantes que são mães. Para as que se tornam mães no meio do curso são ainda maiores, com os empecilhos criados para a execução do Regime Excepcional de Aprendizagem. Isso repercute diretamente na evasão escolar dessas mulheres, que são impelidas a abandonar o curso pela retirada de toda a assistência estudantil, aliada às demandas inerentes da maternidade (p. 1780).

Os autores indicam que a coletividade tem poder para politizar a maternidade, uma vez que a organização de mães universitárias fortalece as discussões sobre as suas experiências, seus sofrimentos e suas reivindicações na área da educação, fazendo da coletivização a principal forma

de enfrentar o desamparo e inflexibilidade institucionais. Consoante a esta perspectiva, Silva e Guedes (2020) afirmam que essa atuação coletiva não se restringe aos territórios físicos das instituições, mas pode ser impulsionada através de redes sociais – o chamado ciberativismo – as quais demonstram-se um importante veículo de informações para dar visibilidade às questões maternas, sobretudo acerca da sobrecarga emocional e física e a consequente dificuldade de realizar atividades acadêmicas nas circunstâncias de: cuidado materno, tarefas domésticas, questões financeiras, ausência de rede de apoio, falta de compreensão e flexibilidade dos docentes, falta de acessibilidade estrutural, etc.

Entre as maiores repercussões das coletividades sobre a permanência universitária de mães está o alcance do reconhecimento e implementação de seus direitos, bem como a criação de uma rede de apoio confiável e estável entre mães do mesmo coletivo, o que rompe com os processos de individualização e culpabilização que atravessam a trajetória dessas mães.

Em contribuição às possíveis intervenções coletivas, Brito et al (2021) apresentam o projeto de extensão “Atenção, cuidado e redes de apoio às mães em sofrimento psíquico: construindo estratégias de enfrentamento frente aos impactos da COVID-19”, a partir do qual foram elaboradas produções acadêmicas acerca de maternidade e saúde mental, o que expande a apropriação teórica sobre essa realidade. Ademais, foram implementadas rodas de conversas virtuais durante o período pandêmico, nas quais as queixas predominantes se referiam à sobrecarga de suas tarefas invisibilizadas, como as domésticas e as de cuidado, pela falta de rede de apoio e falta de tempo para si. Isso gera uma vivência acadêmica insustentável e oposta àquela de discentes não mães. A partir dessas experiências, os autores concluem que a desigualdade de gênero que marca o ensino superior é um reflexo de como a sociedade ainda sustenta discursos e práticas de invisibilização do sofrimento materno e das desigualdades de gênero pelas quais as mulheres passam ao longo da vida.

As experiências universitárias são orientadas pelo gênero, de forma que a experiência de estudantes mulheres é invariavelmente distinta daquela de estudantes homens. Como explica Pereira, Santos e Silva (2022), graças ao ambiente patriarcal e machista no qual estão inseridas, as mulheres ainda experienciam muitas dificuldades para permanecer na academia e obterem as mesmas oportunidades que os homens. Em razão de todos os fatores que perpassam a maternidade e a vivência de mulheres unicamente devido ao gênero – como violências, sobrecarga e expectativas sociais rigorosas – a vida acadêmica de mulheres é tomada como um obstáculo à vida

materna pois não há uma conciliação efetiva entre ambas enquanto não existem meios para tanto, o que não ocorre para homens e o exercício de sua paternidade.

Os autores identificaram o feminismo como forte ferramenta de combate à desigualdade de gênero, assim como a universidade dispor de uma creche universitária para atender à necessidade de rede de apoio das mães discentes e, viabilizar o convívio com o filho e a permanência no ensino superior, conjuntamente.

Dellbrügger et al (2021) observam que, mesmo com a inserção das mulheres no ensino superior, são evidentes os estereótipos de gênero que marcam a presença de mulheres em cursos considerados adequados aos papéis sociais femininos, isto é, nas áreas de conhecimento voltadas ao cuidado. Levando em consideração que a naturalização do cuidado à figura feminina está intrinsecamente ligada à sobrecarga da mulher, as autoras ressaltam o estabelecimento de uma rede de apoio mútuo entre mulheres como um elemento crucial para a permanência universitária, fomentação de debates e práticas políticas, assim como o fortalecimento de discussões e compreensões acerca da maternidade no ensino superior.

No contexto da pandemia, essa percepção de que a mulher é a cuidadora dentro das dinâmicas familiares implica em um desgaste emocional e da saúde mental de mulheres, como afirmam Dellbrügger et al., (2021):

O papel de cuidadora aparece na trajetória de vida das integrantes, tanto no cuidado de familiares quanto como atividade laboral que permite a complementação de renda, operando o dispositivo materno como processo de subjetivação que valoriza mulheres que cumprem o papel de cuidadoras. Dessa forma, desde a infância, as meninas são educadas para o exercício do cuidado (Dellbrügger et al., 2021, p. 19)

Apenas um artigo entre os encontrados, de Sena, Teles e Belmino (2020), trata de modo aprofundado a violência doméstica contra mulheres durante o isolamento social da pandemia. A discussão dos autores é de que a realidade da mulher é ainda regida pela herança histórica da desigualdade de gênero, com a centralização do poder nas mãos do homem, figura central do patriarcado. Nessa sociedade, a divisão de papéis é eminentemente favorecedora da posição masculina tanto nas relações familiares quanto na sociedade como um todo, de forma que seja predominante a dominação entre gêneros. É nesse contexto que a violência de gênero se instala nos relacionamentos.

A violência, materializando-se de diversas formas, dificulta intervenções e até mesmo o

reconhecimento da vítima enquanto tal, isso porque, em certa medida, a violência de gênero é aceita social e historicamente. Tais fatores fazem com que a vítima tenda a se manter em relações violentas, principalmente ao se considerar dificuldades financeiras pela qual a submissão é tomada como um sofrimento necessário à sobrevivência. Tudo isso foi perigosamente agravado pela pandemia, de forma que as mulheres foram obrigadas a conviver continuamente com os autores da violência, estavam sobrecarregadas com os serviços domésticos não remunerados e ainda vivenciavam o medo de contágio e risco de morte iminente (Sena, Teles & Belmino, 2020).

Uma questão presente em uma parcela considerável dos estudos encontrados foi a vulnerabilidade pela qual as mulheres no ciclo gravídico-puerperal passaram durante o período pandêmico. Consoante a Joaquim et al., (2022), a mudança de hábitos como consequência das medidas de prevenção ao COVID-19 causou um impacto significativo na vivência e na saúde mental de mães grávidas e puérperas. As autoras ressaltam a restrição do acompanhamento da família nos momentos finais do período de gravidez e para bebês internados em UTIs, como demonstrado em:

Em muitas famílias, é comum as avós estarem presentes no nascimento e nos primeiros momentos de vida da criança. A pandemia impede essa troca, na medida em que muitas avós são do grupo de risco e em que foi estabelecido na UTI protocolos que não permitem visitas para evitar contaminação. Embora justificável, isso gera impactos e insegurança na mãe, que se vê sozinha, em um ambiente bem diferente do que ela preparou para receber o bebê (Joaquim et al., 2022, p. 8).

Em consonância com as ideias propostas por Joaquim et al (2022), Reichert et al., (2022) destacam como as modificações de rotina em função da pandemia causam sentimentos de angústia, medo, insegurança e ansiedade para as mães. Em um estudo realizado com mães de bebês que nasceram prematuros, as autoras identificaram a preocupação e a sensação de ansiedade das mães em relação à saúde de seus filhos. Rocha e Ditz (2021) ainda acrescentam que as mães cujos filhos estavam sob cuidados da UTIN experienciam preocupação e insegurança provenientes do receio do bebê contrair o coronavírus nos hospitais, principalmente por se tratarem de crianças internadas na UTIN. Portanto, sentimentos comuns em mulheres que passam por essa situação, como culpa, aflição, ansiedade, medo e impotência, são ainda mais agravados pelos riscos trazidos pela COVID-19.

Diante das inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mães no ciclo gravídico-puerperal, Paixão et al., (2021) discutem o aumento significativo da solidão materna durante o período

pandêmico. As autoras caracterizam a gravidez como um momento de vulnerabilidade e intensas transformações, tanto biológicas quanto psíquicas. Essas particularidades, aliadas ao isolamento social imposto pela pandemia, tornaram os estágios finais da gestação excepcionalmente solitários, principalmente devido às restrições de acompanhamento em consultas e durante o parto. Esses fatores evidenciam como o contexto pandêmico agravou as condições emocionais e sociais vividas pelas gestantes.

Somente um artigo dentre os selecionados buscou retratar sobre as mudanças que ocorreram na sociedade em relação às mulheres e, sobretudo, na questão do maternar no percurso acadêmico após a pandemia de COVID-19. Panissa et al., (2023) apresentam o projeto gestar, um grupo que se destaca pelo estudo com mães universitárias. De acordo com as autoras, após a pandemia de COVID-19, foi possível perceber que questões como a sobrecarga de trabalho materno e as dificuldades enfrentadas pelas mães no cotidiano acadêmico foram ainda mais acirradas.

Considerando que o ambiente acadêmico é um espaço que requer uma produtividade exacerbada, muitas mães universitárias encontraram dificuldades para acompanhar as atividades de seus cursos, ocasionando em baixo rendimento acadêmico e sentimento de desmotivação. Além disso, outros desdobramentos, como sexualidade, raça e classe são marcadores das desigualdades de gênero que essas mulheres são submetidas cotidianamente na sociedade. O projeto de extensão buscou promover um espaço de acolhimento e reflexão sobre a maternidade na universidade, buscando incentivar o empoderamento individual e coletivo dessas estudantes por meio de debates e trocas de experiências entre elas.

3.3. A CONTRIBUIÇÃO DA GESTALT-TERAPIA PARA O ACOLHIMENTO DE MÃES-UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A Gestalt-Terapia, enquanto abordagem fenomenológica-existencial, busca suscitar uma reflexão crítica sobre aquilo que é concebido de forma natural e imutável, a qual compreende que o sujeito é criativo e capaz de modificar a sua relação com o meio, trazendo como premissa a noção de campo. Lewin (1965) define o campo como “uma totalidade de fatos existentes, que são concebidos como mutuamente interdependentes” (p. 26). Ou seja, é a inter-relação que acontece no meio e que permite a construção e a modificação, uma dinâmica entre as partes que constituem esse campo, em que se pode atribuir significado a partir da percepção pela consciência (Ribeiro,

2006).

Dessa forma, a partir de uma perspectiva gestáltica, compreende-se a necessidade de abordar o campo relacional como elemento central. A Gestalt-terapia, ao deslocar o foco do psiquismo individual para a compreensão de campo, integra de forma indissociável a intervenção clínica e a perspectiva social. Nesse sentido, refletir sobre a prática da clínica gestáltica contemporânea exige um rompimento com a lógica biomédica dominante, que frequentemente estagna a psicoterapia em análises patologizantes. Em contraste, a Gestalt-terapia entende o adoecimento como uma experiência vivida no campo organismo/ambiente, possibilitando uma leitura crítica das dinâmicas sociais. Essa abordagem valoriza a relação e o contexto, indo além de uma visão fragmentada e individualizada do sujeito.

Belmino (2020) discute acerca das clínicas gestálticas e estabelece que a Gestalt-terapia é definida como uma clínica ampliada, que busca pensar a intervenção onde quer que existam relações humanas fragilizadas, uma vez que a abordagem oferece a atenção a essas demandas que emergem pelo viés social. Tendo em vista a sociedade sexista vigente, nota-se que a maternidade confere uma das ferramentas de controle social e político sobre os corpos das mulheres, colocando em discussão o excesso de responsabilidades e exigências que envolvem o materno.

Assim, entendemos que a Gestalt-terapia, oferece em seu arcabouço teórico-metodológico ferramentas importantes para compreender e intervir nos desafios vividos por mães-universitárias durante a pandemia. Uma das principais contribuições da Gestalt-terapia é seu foco na autorregulação orgânica e no conceito de ajustamento criativo, que permite que o indivíduo encontre formas de lidar com demandas externas e internas. Nesse sentido, o contexto pandêmico pode ser compreendido como um campo de interrupções de contato — tais como o isolamento social e as exigências acadêmicas e familiares — que impactam significativamente o ciclo do contato e a satisfação das necessidades dessas mulheres.

Ao trabalhar com mães-universitárias, a Gestalt-terapia pode oferecer intervenções centradas no aqui-agora, facilitando a tomada de consciência (*awareness*) das dinâmicas relacionais e emocionais que emergem no enfrentamento das múltiplas demandas. Práticas como o uso de técnicas expressivas, exploração das polaridades entre o "eu acadêmico" e o "eu mãe", e o fortalecimento de suportes no campo relacional podem ser estratégias valiosas para integrar os diferentes papéis assumidos por essas mulheres. Além disso, a perspectiva gestáltica sobre a ética relacional, o reconhecimento da subjetividade e de alteridades nas interações interpessoais é

fundamental para promover uma escuta ativa e empática, especialmente em cenários marcados por vulnerabilidade social e emocional.

Embora o levantamento de artigos tenha evidenciado uma escassez de produções acadêmicas que articulem Gestalt-terapia e maternidade no contexto universitário, os princípios dessa abordagem oferecem um referencial teórico-prático potente para acolher as experiências dessas mulheres, validando suas vivências e promovendo ajustamentos mais saudáveis diante das adversidades. Acreditamos que intervenções gestálticas em grupos de apoio a mães-universitárias, bem como estratégias de suporte baseadas nos conceitos de campo e de ampliação da consciência acerca dos processos sociais que envolvem tal fenômeno, são temáticas importantes para suscitar novas pesquisas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das produções acadêmicas, concluímos que o período pandêmico trouxe à tona e intensificou um cenário há muito tempo vivido por mulheres imersas numa cultura patriarcal e machista: as funções de cuidado da casa, dos filhos e diversas atividades como sendo apenas questões do “feminino”. As pesquisas apontam que estas vivências geraram um acúmulo de situações e sentimentos os quais causaram impactos negativos à saúde mental das mulheres.

Ao incluir nestes achados as mulheres mães-universitárias, identificamos uma invalidação da maternidade enquanto uma possibilidade de vivência integrada à vida acadêmica, visto que o espaço universitário não possui estrutura para acolher e oferecer suporte para essas mães e seus filhos.

Nossas reflexões incluem pensar *gestalticamente* a partir da dimensão ético-política da experiência, já que a maternidade é influenciada pelas expectativas sociais e institucionais, ocasionando em sua maioria a invalidação do maternar como parte integrante da identidade dessas mães, invisibilizando o trabalho existente no ato de cuidar de uma criança e exigindo ao mesmo tempo um retorno produtivo das tarefas acadêmicas, como se não tivessem tais atividades ocorrendo concomitantemente. Acreditamos ser fundamental o reconhecimento das instituições de ensino superior acerca da necessidade de garantir um espaço universitário mais inclusivo e que leve em consideração as demandas dessas mães, como direito ao acesso de políticas públicas ou normas regimentais que possibilitem que a vivência da maternidade e a vida acadêmica possam ser



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

conciliadas de forma mais justa, garantindo assim a permanência destas no espaço acadêmico.

Com este estudo, espera-se proporcionar à comunidade científica um referencial teórico adicional que fomente reflexões aprofundadas sobre a saúde mental de mães-universitárias, com ênfase na perspectiva da Gestalt-terapia. Reconhecemos a escassez de investigações que articulem esses dois temas de maneira integrada e não pretendemos preencher essas lacunas, mas sim estimular o desenvolvimento de futuras pesquisas que possam expandir e aprofundar o conhecimento nessa área de estudo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L., & Soares, A. P. (2003) Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: E. Mercuri & S. A. J. Polydoro (Orgs.), *Estudante universitário: Características e experiências de formação*, (pp.15-40). Taubaté, SP: Cabral.
- Alves, I. F. B. de O., Costa R., Lima, M. M. de, & Zampieri F. M. (2021). Significados atribuídos à maternidade por mulheres de um grupo de casais grávidos. *Revista Enfermagem UERJ*, 29, p. e56988-e56988.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio De Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Bartmeyer, S. M., & Salles Filho, N. A. (2020). O direito humano das mulheres à educação e a pandemia da COVID-19: uma análise da sobrecarga das estudantes da UEPG. *Revista Científica Educ@ção*, 4(8), p. 1043 1060.
- Belmino, M. C. (2020). *Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica*. Jundiaí (SP): Paco.
- Brandão, E. R., & Cabral, C. da S. (2021). Justiça reprodutiva e gênero: desafios teórico-políticos acirrados pela pandemia de Covid-19 no Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25, p. e200762.
- Brito, B. P. M., Tavares, F. T. R., Costa, R. S. , Hosken, S. L. , Reis, M. F. C. P. dos, Quintino, R. G., Braz, R. N., Dinato, T. S. D., & Gama, K. dos S. (2021). Mães na rede: possibilidade de apoio às mães discentes em situações de vulnerabilidade em uma extensão universitária. In: III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência. *Anais Eletrônicos*.
- Crossetti, M. G. (2012). Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(2), 8-9. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/94920>.
- De Araújo, B. E., & De Andrade, L. S. (2023). A saúde mental dos estudantes universitários em tempos de pandemia. *Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, v. 15, n. 1.
- Dellbrügger, A. P., Oliveira, M. C. de ., Guerra, C. R., Scaramussa, C. S., Zorzi, J. G., Ricci, É. C., & Dimov, T.. (2021). Encontros narrativos: mulheres pesquisadoras em meio à pandemia. *Saúde Em Debate*, 45(spe1), 181–199. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E114>

- De Oliveira, T. V.; De Souza, M. A.. (2020). MÃES NA GRADUAÇÃO: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. *Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, v. 6, p. 1769-1785.
- Fonaprace; Andifes. (2019). *V Pesquisa Nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES - 2018*. Brasília: FONAPRACE.
- Gabrielli, C. P., Rodrigues Ferro, A., Boin Menossi de Araújo, L. M., Quenzer, V., Larissa dos Santos, E., & Aparecida Carlino, G. (2023). Mães na Universidade: a experiência do Gestar - Maternidade e Ciência. *Extensão Tecnológica: Revista De Extensão Do Instituto Federal Catarinense*, 9(18), 59–75. <https://doi.org/10.21166/rext.v9i18.2846>
- Ganam, E. A. S., & Pinezi, A. K. M.. (2021). Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. *Educação em Revista*, 37, p. e228757.
- Gualberto, A. T. E. S., & Andrade, C. C. (2021). Tornar-se pais: uma compreensão gestáltica das diferentes parentalidades contemporâneas. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 27(3) p. 267-277. <https://doi.org/10.18065/2021v27n3.2>.
- Joaquim, R. H. V. T., Dittz, E. da S., Leão, A., Madalena, C. M., Costa, P. R. da ., Azevedo, L., & Magalhães, L. C.. (2022). Maternidade em tempos de pandemia de Covid-19: o que nos revelam as mães atendidas em um hospital de referência. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 26, e210785. <https://doi.org/10.1590/interface.210785>
- Leite, A. C. F. ., & Alves, F. C. . (2022). Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior. *Ensino Em Perspectivas*, 3(1), 1–15. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8801>
- Leite, C. A., & Kornatzki, L. (2023). O dispositivo da maternidade durante a pandemia de covid-19: analisando artefatos. *Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura*, 5(17), 172–200. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2022.17.14419>.
- Lewin, K. (1965) *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira.
- Mata, J. A. L. da ., & Samimi, S. A. B.. (2022). Mães acadêmicas durante e após a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira De Saúde Ocupacional*, 47, ecov1. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000018121>
- Onu Mulheres. (2020, Março). Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. *ONU Mulheres*.
- Paixão, G. P. do N., Campos, L. M., Carneiro, J. B., & Fraga, C. D. de S.. (2021). A solidão materna diante das novas orientações em tempos de SARS-COV-2: um recorte brasileiro. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 42(spe), e20200165. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200165>

- Pereira, A. L. L., dos Santos, B. G., & da Silva, L. R. (2022). Mães universitárias: a luta pela conciliação da maternidade com a universidade. *South American Development Society Journal*, 8(23), 152. <https://doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v8i23p152-166>
- Pereira, M. B., Silva, A. M. S., Nogueira, D. L., & Salles, D. L. (2023). “As mulheres que em mim habitam”: Os efeitos da maternidade na construção da identidade feminina. *Revista Foco*, 16(1), e754. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n1-052>
- Perls, F.; Hefferline, R.; Goodman, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- Pimentel, A. G., & Silva, M. de N.. Saúde psíquica em tempos de Coronavírus. *Research, Society and Development*, 9(7) e11973602, 2020.
- Pontes, V. V., Queiroz, F. S. De., Nascimento, J. S. Do., & Fonseca, F. D. T. da.. (2022). Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 39, e200190. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200190>
- Reichert, A. P. da S., Soares, A. R., Guedes, A. T. A., Brito, P. K. H., Bezerra, I. C. da S., Santos, N. C. C. de B., & Collet, N.. (2022). Restrição do acompanhamento de lactentes prematuros na pandemia da COVID-19: abordagem mista. *Acta Paulista De Enfermagem*, 35, eAPE02206. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO022066>.
- Rocha, A. L. da S., & Dittz, E. da S.. As repercussões no cotidiano de mães de bebês internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal no isolamento social devido à COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, p. e2158, 2021.
- Santos, L. S., da S., Martins, K. S. B., & Justi, J. (2020). "Tornar-se mãe" durante a formação acadêmica: desafios da maternidade sob a perspectiva educacional e sociológica. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 65, p. 1.
- Sena, M. da C. C., Teles, K. S., & Belmino, M. C. (2020). A contribuição da gestalt-terapia na violência contra a mulher em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas E Tecnologia*, 8(3), 675-683. <https://doi.org/10.16891/875>.
- Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K. E., & Silva, L. S. (2021). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, 8(3). <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>
- Silva, J. S. da, Alves, M. B., Carvalho, G. B., Tavares, R., Arruda, A. A. de, & Costa, C. D. M. da. (2020). A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó / Motherhood in the university trajectory: challenges faced by the students of the Federal University of Maranhão - UFMA campus VII Codó. *Brazilian Journal of Development*, 6(7), 42538–42550. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-027>



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

Silva, M. C. R. da F., & Guedes, C.. (2020). Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. *Revista Katálysis*, 23(3), 470–479. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p470>

Souza, M. T. , Silva, M. D. , & Carvalho, R. (2010, Março). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>